

Fingir estar apaixonada nunca foi tão gostoso



UMA
FARSA



DE AMOR

na Espanha



ELENA ARMAS





ARQUEIRO

A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas, dicas de leitura e muito mais!

Clique aqui para assinar
nossa newsletter e receber
as novidades diretamente
em seu e-mail.

**UMA FARSA
DE AMOR NA
ESPANHA**



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.



UMA
**FARSA
DE AMOR**
na Espanha



ELENA ARMAS



Título original: *The Spanish Love Deception*

Copyright © 2021 por Elena Armas

Copyright da tradução © 2022 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Alessandra Esteche

preparo de originais: Marina Góes

revisão: Carolina Rodrigues e Pedro Staite

diagramação e adaptação de capa: Gustavo Cardozo

capa: Elena Armas

imagem de capa: Ella Maise

foto da autora: Ella Maise

e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A758f

Armas, Elena

Uma farsa de amor na Espanha [recurso eletrônico] / Elena Armas; tradução de Alessandra Esteche. - 1. ed. - São Paulo: Arqueiro, 2022.
recurso digital

Tradução de: The spanish love deception

Formato: epub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-5565-298-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção espanhola. 2. Livros eletrônicos. I. Esteche, Alessandra. II. Título.

22-76689

CDD: 863

CDU: 82-3(460)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para os caçadores de sonhos: nunca desistam.
Nós *não* desistimos, ouviram bem?

SUMÁRIO

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Catorze

Quinze

Dezesseis

Dezessete

Dezoito

Dezenove

Vinte

Vinte e um

Vinte e dois

Vinte e três

Vinte e quatro

Vinte e cinco

Vinte e seis

Vinte e sete

Epílogo

Agradecimentos

Sobre a autora

Sobre a Arqueiro



UM

– Eu vou como seu acompanhante no casamento.

Palavras que eu jamais – nem nos meus sonhos mais loucos, e, acredite, eu tinha uma imaginação fértil – imaginei ouvir naquele tom de voz grave e forte chegaram aos meus ouvidos.

Olhando para meu café, semicerrei os olhos, tentando encontrar qualquer sinal de substâncias tóxicas flutuando na superfície. Isso pelo menos explicaria o que estava acontecendo.

Mas não. Nada. Só havia o resto do meu café americano.

– Se você precisa tanto assim de alguém, eu vou. – A voz grave soou mais uma vez.

Com os olhos arregalados, levantei a cabeça. Abri a boca e voltei a fechar.

– Rosie... – falei, deixando no ar a palavra sussurrada. – Ele está mesmo ali? Você está vendo ele? Ou alguém batizou meu café sem eu notar?

Rosie – minha melhor amiga e colega na InTech, empresa de consultoria em engenharia localizada na cidade de Nova York, onde nos conhecemos e trabalhávamos juntas – assentiu devagar. Vi seus cachos escuros balançarem com o movimento, uma expressão de descrença desfigurando a suavidade usual do seu semblante. Ela baixou o tom de voz.

– Não. Ele está bem ali – disse ela, dando uma espiada rápida ao meu redor. – Oi. Bom dia! – falou, animada, antes de voltar a atenção para mim. – Bem atrás de você.

Com a boca entreaberta, encarei minha amiga por um bom tempo. Estávamos paradas no fim do corredor do décimo primeiro andar do prédio da InTech. Nossas salas ficavam relativamente próximas, e assim que entrei na sede, bem no coração de Manhattan, perto do Central Park, fui direto para a sala dela.

Meu plano era nos jogarmos nas poltronas estofadas de madeira que ficavam na sala de espera dos clientes, geralmente vazias de manhã cedo. Mas não conseguimos chegar até lá. Sem querer acabei soltando a bomba no meio do caminho. Isso mostra o quanto a situação em que me encontrava demandava a atenção imediata da Rosie. Então... então ele se materializou do nada.

– Eu preciso repetir uma terceira vez?

A pergunta gerou uma nova onda de incredulidade que percorreu meu corpo, congelando o sangue em minhas veias.

Ele não faria isso. Não porque não pudesse, mas porque o que estava dizendo não fazia sentido nenhum. Não no nosso mundo. Um mundo em que...

– Beleza, tudo bem – disse ele, suspirando. – Eu posso ir com você.

E então ele parou, fazendo o arrepio frio percorrer meu corpo todo outra vez.

– Ao casamento da sua irmã – acrescentou.

Minha coluna travou. Os ombros se tensionaram.

Senti até a camisa de cetim, enfiada para dentro da calça larga bege, se esticar com o movimento repentino.

Ele disse que pode ir comigo.

Ao casamento da minha irmã. Como meu... acompanhante?

Pisquei algumas vezes, as palavras ecoando na minha cabeça.

Então, alguma coisa dentro de mim estalou. O absurdo daquilo, o que quer que fosse – uma piada perversa que aquele homem, em quem eu sabia que não devia confiar, estava tentando emplacar –, provocou uma bufada de

escárnio, que subiu borbulhando pela minha garganta até os lábios, de onde saiu rápida e alta. Como se estivesse com pressa de sair.

Um grunhido veio de trás de mim.

– Qual é a graça? – perguntou a voz, agora mais grave, mais fria. – Estou falando sério.

Segurei outro acesso de riso. Eu não estava caindo nessa. Nem por um segundo.

– A probabilidade – falei para a Rosie – de ele realmente estar falando sério é a mesma de o Chris Evans aparecer do nada e me jurar amor eterno.

Olhei para um lado e para o outro, chamando a atenção propositalmente.

– Ou seja, inexistente. Então, Rosie, você estava falando sobre... o Sr. Frenkel, né?

Não existia nenhum Sr. Frenkel.

– Lina – disse Rosie, com aquele sorriso falso cheio de dentes que eu sabia que ela usava quando não queria ser grossa. – Ele parece estar falando sério.

Sem desfazer aquele sorriso bizarro, ela inspecionou o homem que estava em pé atrás de mim e acrescentou:

– É. Acho que ele pode estar falando sério, sim.

– Não. Não pode.

Balancei a cabeça, ainda me recusando a me virar e reconhecer que existia qualquer possibilidade de que minha amiga tivesse razão.

Não podia ser. Nunca que Aaron Blackford, meu colega e desafeto de longa data, sequer tentaria oferecer algo assim. Nun-qui-nha.

Um suspiro impaciente veio de trás de mim.

– Isso está ficando cansativo, Catalina.

Uma longa pausa. Então, mais um suspiro barulhento, dessa vez bem longo. Mas me mantive firme e não me virei.

– Me ignorar não vai me fazer desaparecer. Você sabe disso.

Eu sabia.

– O que não significa que eu não vá continuar tentando – resmunguei baixinho.

Rosie me encarou. Então, espiou mais uma vez atrás de mim, mantendo

aquele sorriso cheio de dentes.

– Desculpe, Aaron. Não estamos ignorando você – explicou ela, reforçando o sorriso. – Estamos... discutindo uma coisa.

– Estamos ignorando, sim. Você não precisa poupar os sentimentos dele. Até porque ele não tem nenhum.

– Obrigado, Rosie – disse Aaron, com um pouco menos da frieza habitual.

Não que ele tivesse a intenção de ser legal com alguém. Ser legal não fazia parte do vocabulário de Aaron. Eu achava que ele nem sequer era capaz de ser amigável. Mas ele sempre era menos... sombrio quando falava com Rosie. Uma cortesia que nunca estendeu a mim.

– Você acha que pode pedir à Catalina para se virar? Eu gostaria de falar olhando para o rosto dela, não para a nuca – pediu ele, o tom de voz retornando à temperatura de zero grau. – Isso, é claro, se não for mais uma das piadas dela que eu nunca entendo, muito menos acho engraçadas.

O calor que percorreu meu corpo chegou ao rosto.

– Claro – disse Rosie. – Acho... acho que posso fazer isso.

Com as sobrancelhas erguidas, Rosie desviou o olhar do ponto atrás de mim para o meu rosto.

– Lina, então, é, o Aaron gostaria que você se virasse, se isso não for uma daquelas piadas que...

– Obrigada, Rosie. Eu ouvi – falei entredentes.

Sentindo as bochechas arderem, me recusei a encará-lo porque isso seria permitir que ele vencesse o joguinho que estava fazendo, qualquer que fosse. Além disso, Aaron tinha acabado de dizer que eu não era divertida. *Ele*.

– Se puder, diga ao Aaron, por favor, que eu não acho que seja possível rir, e muito menos entender uma piada, quando não se tem senso de humor. Seria ótimo. Obrigada.

Rosie coçou a lateral da cabeça com um olhar suplicante. *Não me obrigue a fazer isso*, parecia me pedir com os olhos.

Arregalei os meus, ignorando o pedido e implorando a ela que colaborasse.

Ela soltou um suspiro e olhou para além de mim mais uma vez.

- Aaron – disse, o sorriso falso ficando mais largo. – Lina acha que...
- Eu ouvi, Rosie. Obrigado.

Eu estava tão sintonizada com ele – com a situação – que percebi a ligeira mudança na voz, alternando o tom para aquele que Aaron só usava comigo. Era igualmente seco e frio, mas agora vinha com uma camada extra de desdém e distanciamento. Um tom de voz que logo levaria a uma cara amarrada. Eu nem precisava olhar para ele para saber. Era algo que de alguma forma estava sempre presente quando se tratava de mim e dessa... coisa entre a gente.

– Tenho certeza absoluta de que minhas palavras estão chegando direitinho aí embaixo até a Catalina, mas se você puder dizer a ela que eu preciso trabalhar e não posso ficar perdendo muito mais tempo com isso, eu agradeço.

Aí embaixo? Homem ridiculamente alto.

Minha estatura é mediana. Na média para uma espanhola, é claro. Mas ainda assim, mediana. Eu tenho 1,60 metro, muito obrigada.

Os olhos verdes de Rosie voltaram para mim.

- Então, o Aaron precisa ir trabalhar, e ele gostaria...
- Se...

Eu me contive quando ouvi que a palavra saiu aguda demais. Pigarreei e comecei de novo:

– Se está tão ocupado, por favor diga a ele que fique à vontade para me poupar. Ele pode voltar para a sala dele e retomar qualquer que seja a atividade workaholic que, para nosso choque, ele tenha interrompido para vir meter o nariz onde não foi chamado.

Vi a boca da minha amiga se entreabrir, mas o homem atrás de mim falou antes que ela pudesse dizer qualquer coisa.

- Então, você ouviu o que eu disse. Minha oferta. Ótimo.

Uma pausa. Durante a qual xinguei baixinho.

- Então, qual é sua resposta? – insistiu ele.

Mais uma vez, a expressão de Rosie foi de puro choque. Continuei olhando fixamente para ela e consegui visualizar meus olhos castanho-escuros ficando vermelhos com a irritação crescente.

Minha resposta? O que é que ele estava tentando conseguir com isso? Era um jeito novo e criativo de azucrinar o meu juízo? Acabar com a minha sanidade?

– Não faço a menor ideia do que ele está falando. Não ouvi nada – menti.
– Pode dizer isso a ele também.

Rosie colocou um cacho atrás da orelha, e seus olhos saltaram brevemente para Aaron e voltaram para mim.

– Acho que ele está se referindo à oferta de ser seu acompanhante no casamento da sua irmã – explicou ela, com delicadeza. – Sabe, logo depois que você me disse que as coisas mudaram e que você agora precisa encontrar outra pessoa... qualquer pessoa, você disse, eu acho... que possa ir à Espanha com você para o casamento porque, caso contrário, você vai sofrer uma morte lenta e dolorosa e...

– Acho que entendi – interrompi, sentindo o rosto arder de novo ao pensar que Aaron tinha escutado aquilo tudo. – Obrigada, Rosie. Já pode parar com a recapitulação.

Ou eu vou sofrer uma morte lenta e dolorosa aqui mesmo.

– Acho que você usou a palavra “desesperada” – comentou Aaron.

Minhas orelhas arderam, provavelmente em uns cinco tons de vermelho radioativo.

– Não – respondi, bufando. – Eu não usei essa palavra.

– Você... meio que usou, sim, querida – confirmou minha melhor amiga, não!, ex-melhor amiga a partir daquele momento.

Com os olhos semicerrados, formei as seguintes palavras com os lábios:

– Que merda é essa, sua traidora?

Mas os dois tinham razão.

– Tá. Então eu disse. Mas não estou desesperada a esse ponto.

– É isso que pessoas realmente desesperadas diriam. Mas, se sua consciência está tranquila, vai nessa, Catalina.

Xingando baixinho pela enésima vez naquela manhã, fechei os olhos por um instante.

– Não é da sua conta, Blackford, mas não estou desesperada, tá? E a minha consciência está bem tranquila. Não, na verdade, está tranquilíssima.

Que diferença fazia uma mentira a mais, não é mesmo? Ao contrário do que eu tinha acabado de afirmar, eu estava mesmo desesperada para encontrar um acompanhante para o casamento. Mas isso não queria dizer que eu...

– Com certeza.

Ironicamente, de todas as porcarias de palavras que Aaron Blackford disse para minha nuca naquela manhã, essas foram as que romperam minha capacidade de fingir que não estava sendo atingida.

Aquele *com certeza*, tão cheio de condescendência, tédio e desdém, tão Aaron...

Com certeza.

Meu sangue ferveu.

Foi tão impulsivo, um reflexo tão brusco àquelas duas palavrinhas – que, ditas por qualquer outra pessoa, não teriam significado nada –, que eu nem percebi que meu corpo estava virando e de repente era tarde demais.

Por causa de sua altura descomunal, dei de cara com um peitoral largo coberto por uma camisa branca tão bem passada que me deu vontade de agarrar o tecido e amassá-lo, porque quem é que consegue andar tão elegante e imaculado o tempo todo? Aaron. Aaron Blackford conseguia.

Meu olhar percorreu os ombros poderosos e o pescoço forte, chegando às linhas retas da mandíbula. Seus lábios também formavam uma linha reta, como eu já imaginava. Meus olhos subiram mais, chegando aos olhos azuis – um azul que lembrava as profundezas do oceano, onde tudo era frio e mortal – fixados em mim.

Ele ergueu uma das sobrancelhas.

– *Com certeza?* – repeti, sibilando.

– Aham.

Aquela cabeça, coberta pelo cabelo preto, assentiu uma só vez, sem desviar o olhar do meu.

– Não quero perder mais tempo discutindo uma coisa que você é teimosa demais para admitir, então, sim. *Com certeza.*

Aquele homem irritante de olhos azuis que provavelmente gastava mais tempo passando roupa do que interagindo com outros seres humanos não

me faria perder a cabeça de manhã tão cedo. Lutando para manter meu corpo sob controle, respirei fundo e coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha.

– Se é tão perda de tempo assim, eu realmente não sei o que você ainda está fazendo aqui. Por favor, não fique por minha causa ou da Rosie.

Um ruído evasivo saiu da boca da *Srta. Traidora*.

– Eu adoraria – admitiu Aaron em um tom moderado. – Mas você ainda não respondeu minha pergunta.

– Não foi uma pergunta – respondi, amargamente. – O que quer que você tenha dito não foi uma pergunta. Mas isso não importa, porque eu não preciso de você, muito obrigada.

– Com certeza – repetiu ele, aumentando ainda mais minha irritação. – Só que estou achando que você precisa, sim.

– Está achando errado.

Aquela sobrelha se ergueu ainda mais.

– Ainda parece que você precisa, sim, de mim.

– Então você deve estar com problemas sérios de audição, porque, mais uma vez, ouviu errado. Eu não preciso de você, Aaron Blackford.

Engoli em seco, torcendo para que o desconforto na garganta aliviasse um pouco.

– Eu posso escrever se você quiser. Mandar por e-mail, também, se for ajudar.

Com uma expressão de desinteresse, Aaron pareceu refletir por um instante, mas eu sabia que ele não desistiria tão facilmente. Fato comprovado assim que voltou a abrir a boca.

– Você não disse que o casamento é daqui a um mês e você não tem acompanhante?

Meus lábios comprimidos formaram uma linha reta.

– Talvez. Não me lembro exatamente.

Eu tinha dito aquilo, sim. Palavra por palavra.

– A Rosie não sugeriu que, talvez, se você sentasse no fundo e tentasse não chamar a atenção, ninguém perceberia que você foi sozinha?

A cabeça da minha amiga surgiu no meu campo de visão.

– Sugeri, sim. Também sugeri usar uma cor sem graça e não o vestido vermelho deslumbrante que...

– Rosie – interrompi. – Você não está ajudando em nada.

Os olhos de Aaron nem hesitaram quando ele retomou o passeio pela memória.

– E sua resposta para Rosie não foi que você é, em suas palavras, a *porcaria* da madrinha e portanto *todo mundo*, mais uma vez, em suas palavras, perceberia de qualquer forma?

– Exatamente – confirmou a Srta. Traidora.

Minha cabeça virou na direção dela.

– O que foi? – perguntou Rosie, dando de ombros e assinando a própria sentença de morte. – Você disse isso, sim, amore.

Eu precisava imediatamente de novas amizades.

– Então – confirmou Aaron, atraindo meu olhar e minha atenção de volta. – E você não disse que seu ex-namorado é o padrinho e que só de pensar em ficar perto dele, *sozinha e pateticamente solteira*, mais uma vez citando você mesma, te dava vontade de arrancar a própria pele?

Sim. Eu tinha dito isso, mas não achei que Aaron estivesse ouvindo; do contrário, jamais teria falado em voz alta.

Mas pelo visto ele estava bem ali e descobrira. Tinha me ouvido admitir isso abertamente e acabado de jogar na minha cara. E, por mais que eu dissesse a mim mesma que não me importava – que não devia me importar –, mesmo assim a pontada de dor estava lá, me fazendo sentir ainda mais solitária e patética.

Engolindo o nó na garganta, desviei o olhar e me concentrei em um ponto fixo perto de seu pomo de adão. Eu não queria ver o que estava estampado em seu rosto, o que quer que fosse. Escárnio. Pena. Tanto faz. Eu podia me poupar de saber que mais uma pessoa sentia isso em relação a mim.

A garganta dele foi quem reagiu e eu soube disso porque era a única parte dele que eu me permitia olhar.

– Você *está* desesperada.

Suspirei, o ar saindo de mim à força. Minha única reação foi assentir

apenas uma vez. O que me deixou confusa... Não era uma reação típica da minha parte. Eu geralmente revidava até tirar sangue dele primeiro. Porque era isso que a gente fazia. Não poupávamos os sentimentos um do outro. Aquele comedimento era novidade.

– Então me deixa ir. Eu vou como seu acompanhante no casamento, Catalina.

Meu olhar foi subindo bem devagar, uma mistura estranha de cautela e vergonha tomando conta de mim. Ele ter testemunhado todo o meu discurso já era péssimo, mas tentar usar a seu favor? Só para sair por cima?

A não ser que não fosse esse o caso. A não ser que talvez houvesse uma explicação, um motivo para ele estar fazendo aquilo, se oferecendo para ser meu acompanhante.

Analisando a expressão dele, ponderei todas essas opções e possíveis motivações, sem chegar a nenhuma conclusão razoável. Não havia nenhuma resposta plausível que me ajudasse a entender o que ele estava tentando fazer ou por quê.

Só havia a verdade. A realidade. Nós não éramos amigos. Nós mal nos tolerávamos. Agíamos com despeito, apontávamos os erros um do outro, criticávamos nossas formas de trabalhar, de pensar, de viver. Condenávamos nossas diferenças. Em algum momento no passado, eu teria jogado dardos em um pôster com a cara dele. E tinha certeza de que ele faria o mesmo, porque aquela trilha do ódio era uma via de mão dupla. E, além disso, nosso desentendimento havia sido causado por ele. Não tinha sido eu a culpada por aquela rixa. Então, por quê? Por que ele estava fingindo me oferecer ajuda, e por que eu faria a vontade dele, considerando aceitar?

– Eu posso estar desesperada para encontrar um acompanhante, mas não estou tão desesperada assim. Como já disse.

Ele soltou um suspiro cansado. Impaciente. Furioso.

– Vou deixar você pensar a respeito. Sei que está sem opções.

– Não há nada pra pensar.

Cortei o ar entre nós com a mão. Então, dei minha versão do sorriso falso e cheio de dentes da Rosie.

– Eu prefiro ir com um chimpanzé de smoking a ir com você.

As sobrancelhas dele se ergueram. Aaron era incapaz de rir, mesmo com os olhos.

– Ora, por favor, nós dois sabemos que isso não é verdade. Embora existam chimpanzés que se ofereceriam para a ocasião, é seu ex que vai estar lá. Sua família. Você disse que precisa impressionar, e eu posso oferecer exatamente isso – disse ele, inclinando a cabeça. – Sou sua melhor opção.

Bufoei, batendo as mãos uma vez. Aquele pé no saco presunçoso...

– Você não é o melhor nada, Blackford. E tenho muitas outras opções – respondi, dando de ombros. – Vou achar alguém no Tinder. Talvez coloque um anúncio no *New York Times*. Vou encontrar alguém.

– Em um mês? É bem improvável.

– A Rosie tem amigos. Vou com um deles.

O que, desde o começo, era o meu plano e motivo pelo qual eu tinha ido atrás dela tão cedo. Erro de principiante, percebi. Eu devia ter esperado o fim do expediente e ido conversar com ela em um lugar seguro, livre de Aarons. Mas depois da ligação do dia anterior com *mamá...* é. As coisas tinham mudado. Minha situação definitivamente tinha mudado. Eu precisava de alguém e tinha deixado bem claro que qualquer um serviria. Qualquer um que não fosse Aaron, é claro. Rosie era nascida e criada em Nova York. Com certeza ela conhecia alguém.

– Não é, Rosie? Um dos seus amigos deve estar disponível.

A cabeça dela surgiu de novo.

– Marty, talvez? Ele adora casamentos.

Olhei rápido para ela.

– Marty não é aquele que ficou bêbado no casamento da sua prima, roubou o microfone da banda e cantou “My Heart Will Go On” até ser arrastado para fora do palco pelo seu irmão?

– Esse mesmo – disse ela, estremeendo.

– É, não.

Eu não podia arriscar uma coisa dessas no casamento da minha irmã. Ela arrancaria o couro do cara e serviria junto com o prato principal.

– E o Ryan?

– Noivo e feliz.

Suspirei.

– Não me surpreende. Ele é um partidão.

– Eu sei. Por isso tentei tantas vezes juntar vocês dois, mas você...

Pigarreei alto.

– Não estamos discutindo o porquê de eu estar solteira – falei, dando uma olhada rápida em Aaron, que estava com os olhos em mim, semicerrados. – E que tal... Terry?

– Se mudou para Chicago.

– Droga.

Balancei a cabeça, fechando os olhos por um instante. Aquilo não estava dando certo.

– Então eu contrato um ator. Pago para que ele seja meu acompanhante.

– Isso deve ser caro – disse Aaron, categórico. – E atores não ficam por aí esperando serem contratados e exibidos como acompanhantes.

– Então eu contrato um acompanhante profissional mesmo – falei, exasperada.

Aaron comprimiu os lábios daquele jeito firme, que era quase um fechamento hermético da boca, que ele fazia sempre que estava extremamente irritado.

– Você prefere levar um michê para o casamento da sua irmã a ir comigo?

– Eu disse acompanhante, Blackford. *Por Dios* – murmurei, observando suas sobrancelhas se arquearem e voltarem à cara feia. – Não estou atrás desse tipo de serviço. Só preciso de alguém que esteja ao meu lado e é isso que acompanhantes profissionais fazem. Acompanham as pessoas em eventos.

– Não é isso que eles fazem, Catalina – rebateu ele com uma voz rouca e fria, me cobrindo com seu julgamento glacial.

– Você nunca viu comédias românticas?

A cara feia ficou mais feia.

– Nem *Muito bem acompanhada*?

Nenhuma resposta, só aquele olhar ártico.

– Você vê filmes? Ou só... trabalha?

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Uma Farsa de Amor na Espanha" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).